

HISTÓRICO SOBRE AS PLÁSTICAS SONORAS

1967

Smetak chegou à Bahia em 1957, a convite do então coordenador dos Seminários Livres de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Hans-Joachim Koellreutter. Em seu livro *Simbologia dos Instrumentos*, Smetak relembra: “Na estreia da música concreta por H.-J. Koellreutter na Bahia, surgiu a ideia de criar novos instrumentos. A mim coube a parte dos instrumentos de cordas, tanto os de arco como os de pizzicato. Naquela vez alguma coisa vindo do abstrato se fez concreto”.

Foi o início de uma série de descobertas plásticas e sonoras que revolucionaram o tino e a aptidão de Smetak para a luteraria, a bricolagem simbólico-cultural e, sobretudo, descobertas que estavam conjugadas com a sua concepção espiritualista da existência humana, muito influenciada pelas filosofias orientais.

Neste *Histórico sobre as plásticas sonoras* — texto escrito em 1967 para a sua participação em abril na mostra coletiva Nova Objetividade Brasileira, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) —, Smetak apresenta a trajetória e os objetivos que inspiraram o surgimento dos 18 novos instrumentos que integram sua participação na mostra. Meses antes, a exposição conquistara o Prêmio de Pesquisa na I Bienal Nacional de Artes Plásticas, na Bahia. Nessa ocasião, o artista plástico Juarez Paraíso, um dos curadores da bienal, cunhou a expressão “plástica sonora” para se referir aos instrumentos de Smetak — quem, por sua vez, simpático à denominação, já a incorpora no título da apresentação reproduzida a seguir.

HISTÓRICO SOBRE AS PLÁSTICAS SONORAS

Prólogo à exposição - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - Guanabara
abril - 1967

Exposição na

I BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS - SALVADOR-BAHIA

28 de dezembro de 1966 a

28 de fevereiro de 1967

Prof. WALTER SMETAK

Dos SEMINÁRIOS DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Plásticas sonoras:

Mundo, Reta na Curva, Bimono, Chori (soprano), Chori (mais soprano), Chori (alto), Chori (tenor), Sol e Lua, Vina Itaparicanaã, Vida, Árvore, Barco, Andrógino, Vir a Ser, Vau, Enamorados Abstratos, Situação, Cravo.

Provêm estes instrumentos de um processo de pesquisa acústica em que foi examinado o ITINERÁRIO DO SOM, em sua origem espiritual, psíquica e, finalmente, física. Foram examinadas amiúde as formas e firmou-se a seguinte verdade: AS FORMAS EM GERAL EXPRESSAM UM SIMBOLISMO EM UMA LINGUAGEM, e esta se aproxima em si de um mundo de formas estáticas, mas emanando em si uma vida de vibrações intensas. A identidade entre forma e estrutura simbólica se fez evidente para aquele que começou a raciocinar dentro da lógica que age através da ARTE, e chega ao ponto em que anuncia na sua fala de SOM a mesma coisa que ela como forma estética revela. Observa-se unicamente que os fatores tempo e espaço ocasionaram permissão a diversas interpretações e distorções que nada têm em comum com sua origem. Aplicou-se, em uma ideia, a evolução atravessando em múltiplos sistemas geográficos e estados de conhecimento dos povos que habitam a face da terra.

Em primeiro se apresenta a nós uma forma oval, a circunferência, o zero. O NADA fechado em um círculo. O NADA neste processo tornou-se o TODO. Neste círculo coloquemos uma haste que corte em duas partes a sua forma, e temos assim em nossa frente um símbolo que expressava uma coisa,

transformado agora em duas coisas em uma. Houve polarização. Desenhemos mais um traço e obteremos a divisão em unidades menores e compreenderemos a continuidade da vida primária baseada, ainda, na divisão da ameba ou de um ser que era, na sua constituição espiritual, andrógino. Era um ser espiritual, mas não inteligente: igual à sua arte, divino; mas não humano. Mais tarde tornou-se humano dividindo-se e polarizando-se outra vez, perdendo a espiritualidade e ganhando experiência pela dor da evolução. A superação da dor da evolução, isto é, o desaparecimento da emoção e o domínio da MENTE espiritualizarão o HOMEM EM GÊNIO. E este criará uma ARTE pela vivência e será a maior de todas.

Revela o início da Cosmogênese e da Antropogênese o simbolismo do OVO, restando até nossos tempos os vestígios. No reino vegetal, representado por uma causalidade excelente para este trabalho comparativo: a cabaça (cabaça, fruto da cabaceira, da família das asteráceas) ou algum desejo de uma natureza incógnita criar uma cabeça dentro do reino vegetal e sabiamente colocar centenas de sementes no seu miolo — fator idêntico ao do cérebro humano: pensamentos e ideias que dão a continuidade, o impulso da vida-energética ou vida consciência. São várias as maneiras de usar cabeças e cabaças para cuias e instrumentos. Temos assim o primeiro instrumento que motivou talvez o encontro do homem com o som. Portátil e precursor dos imóveis...

Foi construído num instante. Uma cabaça, um cabo de vassoura, um prego, uma corda de violão e um cordão. Uma cravelha, semelhante à última letra do alfabeto hebraico, — o Tau; a cruz ansata, equivalendo simbolicamente o aplicado valor em função — complementa este engenho. O braço é a configuração do eixo do mundo e em sua volta girando o céu — arco que passa na corda. As suas linhas principais, a reta e a curva, a cruz cósmica. O fogo, ideia e realização. Vertical e horizontal. Dualidade: livre arbítrio e determinismo. O abstrato e o concreto. Ou: onde o abstrato se faz concreto e o concreto se faz abstrato. Ou: onde o abstrato se concretiza no eterno vir a ser. Ou vice-versa, lembrando o “To be or not to be” shakespeariano. Tornando estas velhas questões filosóficas mais sensíveis, erguendo uma vertical em cima desta dualidade posta na horizontal da eterna balança para a formação do triângulo pitagórico. E coloquem no vértice do triângulo a palavra esquecida dentro das considerações intelectuais e racionais que se chama: ABSOLUTO. Embora o processo do vir a ser continue o mesmo (o homem



Instruimento *Mundo*: "Foi construído num instante. Uma cabaça, um cabo de vassoura, um prego, uma corda de violão e um cordão..."